



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

LEITURA INICIAL OU PARATEXTUALIDADE EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNÂNI DONATO

Avelino Ribeiro Soares Junior¹; Paulo Sérgio Nolasco dos Santos²
UFGD/FACALE – Caixa Postal 533, 79.804-970 – Dourados-MS, E-mail: avelinoletras@gmail.com
¹Pós-Graduando em Letras/ Bolsista CAPES-UFGD; ²Orientador, Professor FACALE, Bolsista PQ CNPq.

RESUMO

Este trabalho procura abordar aspecto central da narrativa intitulada *Selva Trágica*, do escritor sul-mato-grossense Hernâni Donato, sob a perspectiva da paratextualidade, ou seja, uma leitura que busca recuperar a produção de sentidos de textos e imagens seminais para a construção da leitura da narração do romance como um todo, salientando desta perspectiva os sentidos primeiros da significativa obra de Hernâni Donato. Antes de tudo, nossa atenção está voltada para a apresentação e contextualização da narrativa de *Selva Trágica* e de seu autor, emblemáticos signos da literatura da fronteira Brasil-Paraguai, e do reconhecido período histórico denominado Ciclo da erva mate. Deste ponto de vista, justificamos a seleção deste *corpus*, que contempla nosso projeto de pesquisa em desenvolvimento, intitulado “O drama dos ervais em *Selva Trágica* de Hernâni Donato”. Torna-se necessário mencionar o falecimento de Hernâni Donato, no ano de 2012, que, malgrado o fato, coincidiu com o relançamento, em 2011, de *Selva Trágica*, a obra que o imortalizou, hoje em primorosa reedição. Desta edição, destacam-se as palavras de Nicodemos Sena, em Nota do Editor, acrescidas como “posfácio” ao diferenciado volume, cuja capa traz o título em letras vermelhas sobre um sugestivo fundo escuro. A partir da epígrafe que abre a narrativa de *Selva Trágica*, passando pela referida Nota do Editor, seguindo dos textos de apresentação da obra, elaborados por especialistas como Nelly Novaes Coelho e Fábio Lucas, corroborados ainda pelo pórtico e pelo prólogo da obra, mais as capas e os títulos das mesmas, tudo isso reforça a anunciação da narração e consequente preparação da recepção do leitor para a leitura e valorização do real sentido de denúncia que o relato de *Selva Trágica* registra e põe em demanda.

Palavras-chave: Fronteira; Narrativa; Denúncia.

ELEMENTOS PARATEXTUAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM *SELVA TRÁGICA*

“A SELVA DE QUE TRATAMOS NESTE LIVRO ERA DE FATO TRÁGICA:

‘... éramos simples bugres, pelados, no meio dos ervais, que têm de pedir facão, sal, fósforos, algumas roupas, farinha e charque, para poder trepar na erveira, podá-la e fazer erva.’ (“o *Drama do Mate*”, Antônio Bacilla, pág. 34.)”¹

A epígrafe que abre este texto, caracterizada em nota de rodapé, é seminal para este trabalho, seja pela sua natureza de paratexto editorial, seja pelo conteúdo ou produção de sentidos que, em torno dela, procuraremos desenvolver uma reflexão acerca da paratextualidade, ou perigrafia, que, *grosso modo*, constituem os estudos de semiótica do paratexto.

Retomando, assim, a proposta deste trabalho, passamos a leitura e análise dos elementos paratextuais de *Selva Trágica*. Um desses elementos constitui o “pórtico”, que funcionaria também como epígrafe, que abre a narrativa de *Selva Trágica*, na edição de 1957, na página 5, porém não numerada, e que chama a atenção do leitor, não só por sua natureza de paratexto editorial, mas, mais representativamente, pela orientação de leitura e produção de sentidos que dela decorrem, uma vez que sintetiza emblematicamente o universo de discurso que deve se tornar a perspectiva de leitura, que abordaremos a partir daí. Leiamos o pórtico:

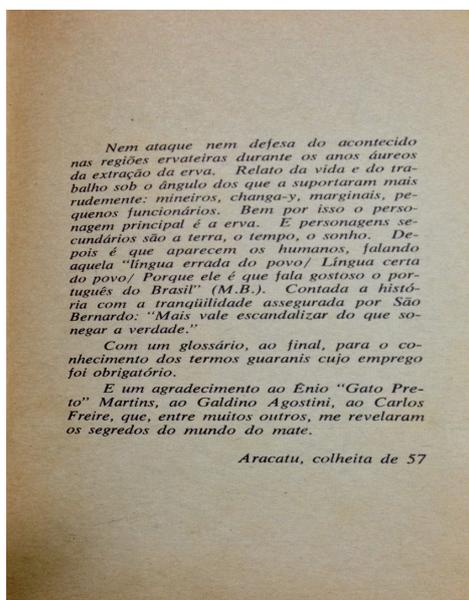


Fig. 1: Pórtico à entrada da obra *Selva Trágica*. (Edição de 1957)

¹ O escritor Hernâni Donato inicia, com esta epígrafe, o “prólogo” das páginas 7 e 8, que antecede o Capítulo 1, da narrativa *Selva Trágica*. Cf. edição de 1957.

Como se lê no “pórtico” do livro, que finaliza com a indicação do local em que a obra foi entregue à sua primeira edição, ou seja, a localidade de “Aracatu, colheita de 57”, em página particularmente reservada para sua escritura, o escritor enuncia descrevendo o tema fundamental ou *leitmotiv* de seu livro, que não é outra personagem senão o relato e drama da extração da erva mate, como grande fronteira que constitui a exploração tanto das erveiras quanto dos indivíduos humanos que atravessam a narração deste relato, tão pungente como refletido já na epígrafe inicial deste trabalho. Também daí se depreendem sentidos explícitos ou implícitos que emaranham a vida das personagens e seus destinos na terra, no tempo, no sonho, bem assim como acontece em outra narrativa muito conhecida da literatura brasileira, o romance *São Bernardo*, do escritor Graciliano Ramos, cuja citação, ao meio do texto do pórtico diz o seguinte: “Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade.” Dentre outras informações, este texto do “pórtico” tem ainda a função de indicar que, ao final da narrativa, o leitor pode encontrar um glossário, “para conhecimento dos termos guaranis cujo emprego foi obrigatório”.

Desta perspectiva, os sentidos promovidos pelo “pórtico” assumem a função de uma epígrafe maior, que, pelo lugar que ocupa no frontispício da obra, abrem sendas e veredas de significação. Pois, segundo o *Dicionário online Aulete*², “pórtico” diz respeito a:

1. Portal ornamentado, luxuoso, na entrada de um edifício, palácio etc.; PORTADA; PORTAL. 2. Arq. Espaço coberto cuja abóboda é sustentada por colunas e que serve de entrada ou vestíbulo. 3. Fig. A via de acesso a algo que é considerado difícil ou grandioso: pórtico da ciência espiritual. 4. Astron. Estrutura com formato de pórtico, us. para erguer mísseis, antes do lançamento. 5. Trave horizontal sustentada por traves verticais e que serve para suspender aparelhos de ginástica. 6. Fil. Doutrina dos estoicos, comandados por Zenão, que transmitia conhecimentos sob um pórtico em Atenas.

Quer-se explorar aqui, para a devida apresentação da obra, os sentidos que apontam para a ideia de acesso, daquilo que se localiza à entrada, ou daquilo que se constitui como a própria entrada, como meio de acesso ao espaço interior de uma casa, de um edifício, de um templo e/ou da selva, soberba e enigmática. Sentidos estes que podem ser observados em (1) “PORTADA; PORTAL”; e, (3) “A via de acesso a algo que é considerado difícil ou grandioso”.

Consequentemente, o “pórtico” que ora lemos, anteposto em folha não numerada, abre para leitura do prólogo da narrativa, e que é constituído por várias epígrafes, ocupando o espaço das páginas 7 e 8, iniciando este prólogo pela epígrafe que abre nosso trabalho. Trágica e pungente, a epígrafe extraída de *O Drama do Mate*, de Antônio Bacilla, segue-se

² Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/pórtico>>. Acesso em: 3 set. 2014.

por outros fragmentos da “Carta de Hernandarias ao rei da Espanha”, de mais dois depoimentos orais de trabalhadores dos ervais, coletados pelo próprio Hernâni Donato, além de um ilustrativo e emblemático trecho de “Depoimento de Rafael Barret”, representativo nome da poesia paraguaia, envolvido em triste e trágica história de vida e luta pela causa daquele povo espoliado e sofrido.³ Leiamos o referido prólogo de *Selva Trágica*:

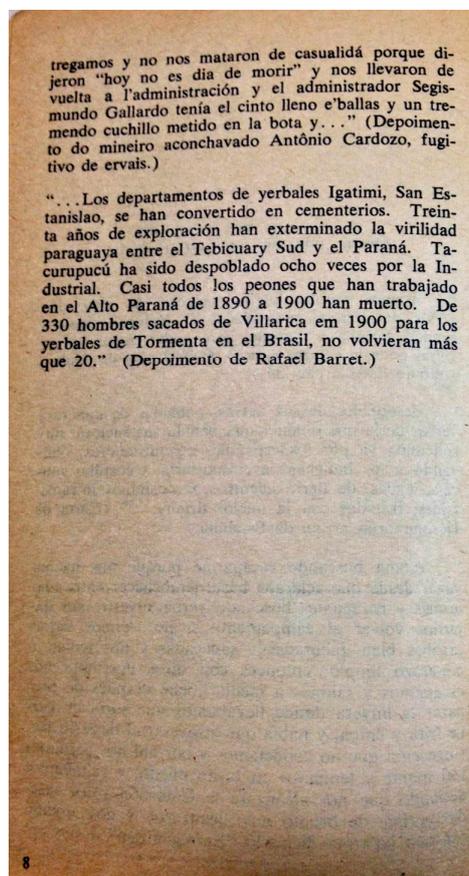
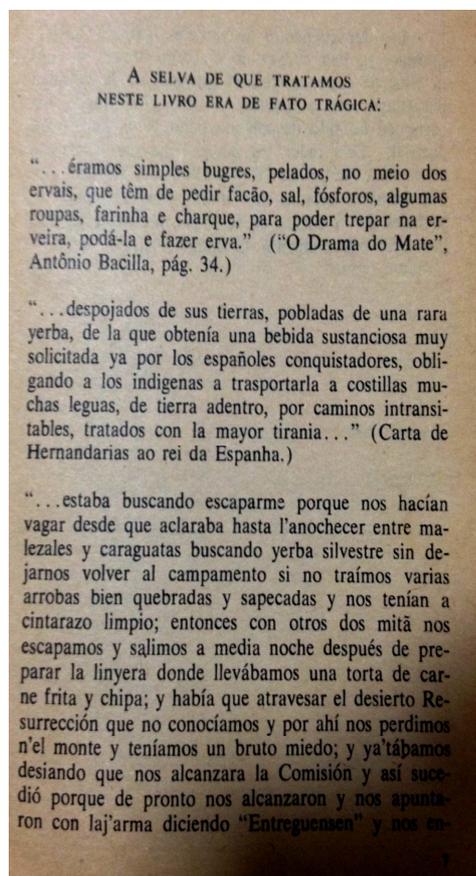


Fig. 2: Cópia da página 7 do Prólogo **Fig. 3:** Cópia da página 8 do Prólogo

Assim, correlacionando os textos do “pórtico” e do prólogo, podemos argumentar que a nossa leitura opera em confluência e entrecruzamento de ambos os textos, sobretudo do notável poder de persuasão e anunciação que eles detêm na “função” e no “lugar” de geradores de sentido, e na condição textual de “paratextualidade”, enquadrando e preparando o universo de discurso e a recepção do leitor para o início do relato, bem como do enfrentamento com grande drama que se desdobra nas páginas do romance anunciado. Dizendo de outra forma, estes textos produzem relações de sentido que reforçam amalgamando o enredo que compõe a obra de Donato.

³ Cf. neste sentido o precioso volume *Rafael Barret – Escritor y pensador revolucionário* (2011), escrito pelo crítico e professor paraguaio Miguel Ángel Fernández, publicado pela coleção de sugestivo nome “protagonistas de la historia”.

À esta perspectiva de estudo, o teórico Gérard Genette, em *Palimpsestes*, de 1981, caracterizou como estudo do paratexto, e que constituiria um variado leque de elementos que compõem a “borda” de um livro: “nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações”.(GENETTE, 2009, p.9) Precursor destes estudos, na obra *Paratextos Editoriais* (2009), Genette explica que o propósito é o de referir-se ao que chama de *acompanhamento, de extensão e conduta variáveis* que impedem que um texto se apresente em “estado nu” ao grande público, definindo o paratexto como sendo “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. (2009, p.9) Equivale a dizer que, todo o aparato individual de uma publicação, a arte da capa, a disposição do nome do autor e do título do livro nesta capa, o prefácio e as dedicatórias, as ilustrações e a epígrafe da obra, acabam compondo o objeto resultante de uma produção textual enquanto paratexto. De uma outra perspectiva de análise, o teórico da literatura Antoine Compagnon (1996) denomina como *perigrafia* toda a composição periférica de um livro, esclarecendo que:

Sua periferia, o que não está nem dentro nem fora, compreende toda uma série de elementos que o envolvem, como a moldura fecha o quadro com um título, com uma assinatura, com uma dedicatória. São outras tantas entradas no corpo do livro: elas desenham uma *perigrafia*, que o autor deve vigiar e onde ele deve se observar, porque é primeiramente nos arredores do texto que se trama sua receptibilidade. (COMPAGNON, 1996, p. 70)

Com efeito, tanto o “pórtico” quanto a(s) epígrafe(s) e, no caso que nos ocupa, a leitura de *Selva Trágica*, são significativos também as capas e o(s) título(s) desta obra. No que se refere à epígrafe, ocupando um lugar fora do texto, pode significar apenas um revestimento de erudição e/ou um testemunho de afinidades, no que sua função de referência marginal pode ser prescindível para a produção de sentido. Contudo, para a semiótica do paratexto, como enfatiza Genette (2009), a epígrafe acaba se constituindo em outro elemento que participa da rede de relações que é toda a narração. A epígrafe, ao acompanhar o discurso, recolhe a perspectiva do autor implícito, e assim se autorremete enquanto texto complementar a revelar um nível superior de compreensão. Gérard Genette, ao definir a epígrafe como uma citação, “du fait que l'épigraphe est une citation, il s'ensuit presque nécessairement qu'elle consiste en un texte”, mostra que as suas utilizações são muito variáveis.

É significativo que Genette chame a atenção para a função, dentre outros aspectos, para o fato de o título de uma obra funcionar como um holofote, um lustre, que lança luminosidades, sentidos, clareza ao conteúdo que ele recobre. Decerto que o título de uma obra guarda estrita significação com a confecção da própria capa desta obra, como, por

exemplo, nos parece ser o caso das capas de *Selva Trágica*, que selecionamos para nossa leitura. Leiamos/vejamos as capas de diferentes edições de *Selva Trágica*:

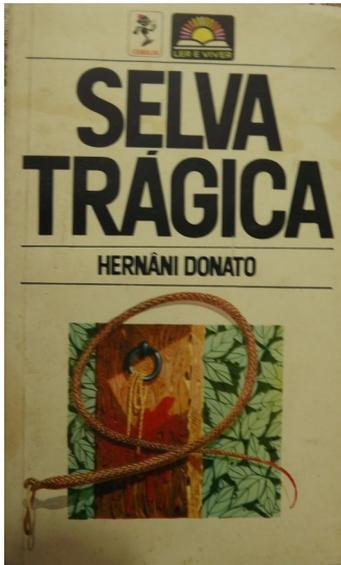


Fig.4: Edição de 1957

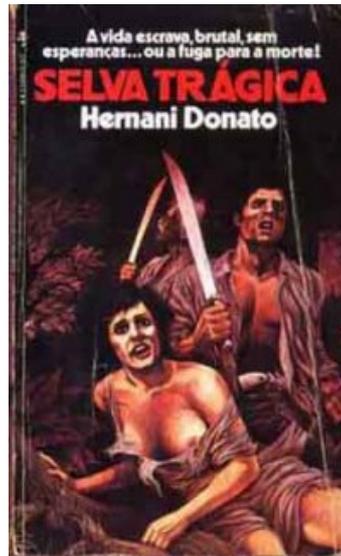


Fig. 5: Edição de 1976



Fig. 6: Edição de 2011

Do ponto de vista plástico-visual, as três capas selecionadas para nossa leitura traduzem diferentemente o potencial semântico daquilo que o leitor encontrará nas páginas de *Selva Trágica*, em seu entrecho, chamando a atenção para particulares modos de significar e traduzir o universo de discurso e a forma da “narração”, o como é relatada a narrativa de *Selva Trágica*. Assim, a capa da última edição, de 2011, recupera cena do filme veiculado sob o mesmo título, baseado na obra homônima. A imagem da capa, acompanhando a narrativa fílmica, praticamente fala por si própria: em letras vermelhas, o título assenta-se sob um fundo negro, onde um vulto “presumivelmente” humano parece correr, como em fuga daquele lugar, inferno, no qual são situadas as personagens da narrativa. Corroborando este sentido, vê-se ao fundo a folha de uma erveira, da erva mate. Ao escolher esta capa, o editor preteriu, em substituição, a imagem da capa da edição de 1976. Nesta edição, o mesmo drama se presentifica, apesar de reforçar um dos aspectos fortemente relatados na narrativa: a exploração forçada da presença da mulher, como objeto de satisfação, prazer, e exploração erótica, relacionando-a à necessidade física e de instinto dos trabalhadores dos ervais, que naquelas lonjuras eram condenados a viver em regime de semi-escavidão, sem família, sem laços sentimentais. A figura da mulher, portanto, emblematiza o objeto do desejo e da satisfação como suporte e suplemento de uma vida, e de uma empreita árida e hostil. Já a figura da edição de 1957, por sua vez, evoca ostensivamente os signos do tronco, da chibata, sobre um fundo matizado pelas folhas da ervateira. De uma forma ou de outra, de uma capa a outra, as correspondências de sentido se acentuam e se equivalem, apesar de nuançarem

sentidos diferenciados. Isto porque são reforçados pelo fundo comum da narrativa, que é um só: a vida na selva, em região distante, sob o impacto de forças desiguais, ou seja, o explorador *versus* o explorado.

À guisa de conclusão, resulta evidente que, a partir da epígrafe que abre este texto, passando pela Nota do Editor, seguindo dos textos de apresentação da obra, elaborados por especialistas como Nelly Novaes Coelho e Fábio Lucas, corroborados pelo póstico e pelo prólogo da obra, mais as capas e os títulos das mesmas, tudo isso corrobora para a anunciação da narrativa e consequente preparação da recepção do leitor para a leitura e valoração do real sentido de denúncia que o relato de *Selva Trágica* registra e põe em demanda.

REFERÊNCIAS

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DONATO, Hernâni. *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1956, 232p.

_____. *Selva trágica*. São Paulo: Edibolso, 1976, 232p.

_____. *Selva trágica*. Taubaté; SP: LetraSelvagem, 2011, 288p.

FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. *Rafael Barret – escritor y pensador revolucionario*. Assunción; Py: El Lector, 2011.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.